

NÓS E FIOS DO DISCURSO ELETRÔNICO: TENTATIVA DE UMA COSTURA

Lucília Maria Sousa Romão - FFCLRP/USP

A tarefa de costurar reflexões advindas do campo da comunicação, do jornalismo e das novas tecnologias com o lugar do discurso instiga, porque são vários os fios que virtualmente poderiam ser puxados para o início do meu dizer, várias também são as telas que imaginariamente mereceriam ser apresentadas aqui. No entanto, apenas um fio ou uma tela será manifesto como registro dessa tentativa com efeito de inícios. Escolho, então, o seguinte recorte do primeiro “*Cadernos de Lanzarote*”, diário com palavras de memória: “*Sobre o cavalete, o pintor colocou uma tela branca. Olha-a como a um espelho. A tela é aquele único espelho que não pode reflectir a imagem do que está diante de si, daquilo que com ele se confronta. A tela só mostrará a imagem do que apenas noutro lugar é encontrável*”, seguindo esse fragmento de Saramago (1998: 508), a tela, em seu silêncio desejante de tinta, não reproduz a realidade nem a reflete exatamente como um espelho. Ela abrigará imagens do que está vivo em outro lugar e se deslocam para a tela quando a mão da memória do artista se deitar no tecido virgem. Então, a corrente migratória de imagens, traços, figuras ganha corpo, inscrevendo formas e sentidos no vazio do branco, afetados pela “*representação de uma memória*”, como diz o autor. É a memória que se desenha, ao desenhar, no movimento do artista, o mundo que ele suporia digno de pintar, pois “*ao pintar, o pintor não vê o mundo, vê a representação dele na memória que dele tem*”.

1- MEMÓRIA

Na topologia eletrônica, links remetem-se uns aos outros e colam-se mutuamente o tempo todo, construindo uma teia de nós e conexões, que só fazem e constroem sentidos para o sujeito se ele tiver acesso à memória e ao arquivo. A tela do monitor apagada, em seu negrume, também guarda o que “*noutros tantos lugares é encontrável*”, já que, ao clicar, o navegador vê o mundo do ciberespaço como uma representação virtualizada e inscreve(-se) em discursos que fazem falar sentidos e possibilidades de roteiros e cartografias, atualizando permanentemente o já-lá. Várias camadas de tinta são depositadas em superfícies já coloridas e, assim, uma pátina de vozes se forma, ora deixando ver, por sobre uma cor, os riscados de outra tonalidade; ora com uma cor apagando quase por completo a superfície de tinta em que se fixou. Conforme Orlandi (1997:11): “(...) *no discurso há sempre um discurso outro, função da relação de todo dizer com a ideologia (com a exterioridade, com o interdiscurso). O dizer, logo, nunca é só um.*” Desse modo, as duas telas – a branca à espera do batismo das tintas e a apagada em escuridão na expectativa de ser ligada – se sustentam apoiadas na/pela metáfora da janela e pelo que será visto do lado de lá como paisagem a ser construída pelo sujeito-pintor e/ou navegador.

2- ARQUIVO

A formulação de Pêcheux (1982: 56-57) sobre o arquivo aponta que: “(...) há, entretanto, fortes razões para se pensar que os conflitos explícitos remetem em surdina a clivagens subterrâneas entre maneiras diferentes de ler o arquivo (entendido aqui como ‘campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão’”. Ela contribui muito para a compreensão da discursividade eletrônica, pois a Internet é uma cadeia globalizada de arquivos digitalizados, interconectados e dispostos em links organizados em endereços fixos, cuja permanência on-line não é eterna, aliás, tem duração bastante volátil e efeito de movências. Esse olhar atento de Pêcheux às “*clivagens subterrâneas*” chama a atenção para um jogo de dupla face. De um lado, há recorte e seleção de certos textos, imagens e informações que instalam sentidos na Internet e estão autorizados a entrar na rede de arquivos e aceitos para circular no discurso jornalístico. Por outro lado, também é verdade que outros tantos sentidos são desprezados e eliminados, pois ao falar X, sempre calamos Y. Tal processo é engendrado pela ideologia que naturaliza e legitima certos sentidos para o sujeito em uma posição, apagando outros, indesejáveis ou tidos como não relevantes, não merecedores de relato ou registro. Isso convida a refletir sobre a ordem do político.

3- SUJEITO

Dessa forma, o sujeito na malha digital é aqui compreendido como sujeito do discurso em relação a um poder, posição inscrita pela ideologia e pela memória e constituída em condições de produção datadas historicamente. Afetado pela navegação em uma superfície de dados prefixados anteriormente, o sujeito se movimenta na rede do já-dado, já-dito e já-traçado por um outro(s) sujeito(s), embrenhando-se em nós que já foram atados por outrem. Assim, o poder dos acessos e dos acessamentos, tantas vezes idealizado pelo chavão repetitório de liberdade, limita-se ao gesto de inscrever-se em locais que já foram autorizados, previamente lidos e nos quais palavras foram acomodadas e postas em discurso. Também vale a ressalva de que a rede eletrônica não aceita todos igualmente nem atribui o mesmo suposto-saber e poder a todos de maneira igualitária; em nosso país, por exemplo, as estatísticas mais otimistas falam em 9% a 12% de info-incluídos digitalmente (Sorj, 2003). É certo que existe um imaginário sustentando o sentido de um acesso infinito e ilimitado na Internet, entretanto, vale refletir que há um limite dado a priori em relação aos arquivos eletrônicos, visto que eles são banco de dados organizados por sujeitos, que, afetados pelos dois esquecimentos (Pêcheux, 1969), “escolhem”, “selecionam”, recortam e criam como importantes apenas alguns dados e não todos. Ainda na visão desse ideário de liberdade sem-fim, ao sujeito-navegador, caberia virtualmente a possibilidade sem-limite de montar e desmontar percursos de trânsito, de justapor a sua voz às vozes de tantos outros, de circular livremente e com velocidade cada vez maior no sem-fronteiras do virtual, de assumir uma outra identidade, de produzir qualquer sentido, de assumir-se em posições diferentes. Estes sentidos são determinados

pelas condições de produção dadas pelo capitalismo tardio ou pós-industrial, que produz e dá suporte a outras relações de força e de disputas, fazendo falar uma arena high tech em que pese a urgência de/por navegar, comunicar, possuir produtos tecnológicos e consumir relatos jornalísticos em tempo real.

4- CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Na sociedade da informação ou na galáxia da Internet (Castells, 2003), parece evidente que o papel das mídias seja imprescindível: transferir dados e relatos, facilitar o acesso à informação, disseminar registros de lugares distantes, documentar os fatos puros da realidade, deslocar notícias em tempo real, garantir a velocidade nas trocas. Justamente aí, no que é considerado óbvio, há chance de descongestionar certezas, cavar e rastrear furos, tocar não-acabamentos e flagrar o trabalho da ideologia. Tal movimento tem relação com o poder-dizer de uma posição que poucos podem ocupar, fazendo circular um discurso considerando mais confiável, fiel e digno de crédito (Mariani, 1998). Observar a matéria lingüística, desenhada pela voz da mídia no quadrado da tela, reclama a compreensão de como as corporações estão dispostas na conjuntura sócio-histórica; nesse caso, indiciária de cartéis econômicos movidos à lógica concentracionista (Moraes, 1998), definida por grupos familiares, que centralizam diversos ramos do setor de comunicação, entretenimento e publicidade e que inscrevem uma formação discursiva dominante obturada pelos efeitos de relatar, distrair e vender. A rede de conexões labirínticas em escala não mensurável com exatidão, os vários percursos possíveis para o sujeito deslocar-se em diversas direções nessa rede, a topologia associativa das janelas, o espaço da virtualidade (Levy, 2001), a ordem do tempo real, a interatividade desenham novas condições de produção do discurso.

5- EFEITOS DE GERÚNDIO

Assim, o discurso jornalístico na rede eletrônica instala-se como um movimento de presentes, que (a)parecem alargados e inscritos a cada segundo, construindo um agora que sempre se renova, isto é, um gerúndio interminável (Bucci e Kehl, 2004) cujos efeitos de apressamento combinam-se com os de voracidade em um círculo que se reordena e retroalimenta: as engrenagens que produzem ditos não cessam de criar a necessidade de que eles sejam consumidos e esquecidos logo em seguida, para, de novo, serem devorados como novidade e, mais uma vez, esquecidos e assim sucessivamente. Engendram-se demandas por dizer e esquecer de tal modo que a tela do computador passa a iconizar um grande Portal no qual são tramados movimentos de um eterno presente no pergaminho digital.

Tudo isso promove a emergência de algo próximo do Livro de Areia de Borges (2000): “*A linha consta de um número infinito de pontos: o plano, de um número infinito de linhas; o volume, de um número infinito de planos; o hipervolume, de um número infinito de volumes... (...) Disse-me que seu livro se chamava Livro de Areia, porque nem o livro nem a areia têm princípio ou fim. (...) O número de páginas deste livro é exatamente infinito. Nenhuma é a primeira;*

nenhuma, a última. Não sei por que estão numeradas desse modo arbitrário. Talvez para dar a entender que os termos de uma série infinita admitem qualquer número (...) Se o espaço é infinito, estamos em qualquer ponto do espaço. Se o tempo é infinito, estamos em qualquer ponto do tempo." Ainda que nos remetam a dois planos diferentes - o primeiro fragmento literário inscrito em um relato de diário e o segundo em um conto de absurdos - as palavras postas em discurso por estes dois autores provocam reflexões sobre o modo como a rede eletrônica evoca polêmicas, propõe desafios e alimenta indagações de larguezas e de limitação em uma trama de confrontos, enfim, de discursos e sentidos contraditórios instalados em telas de pintura e telas de monitores, escritos em papel e em silício.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, J. L. Obras completas III. São Paulo: Editora Globo, 2000.
- BUCCI, E. & KEHL, M. R. Videologias. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- CASTELLS, M. A galáxia da Internet – reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LÉVY, P. O Virtual. São Paulo, SP: Editora 34, 2001.
- MARIANI, B. O PCB e a imprensa. Campinas: Editora da Unicamp e Editora Revan, 1998.
- MORAES, D. Planeta mídia tendências da comunicação na era global. Campo Grande: Editora Livre, 1998.
- ORLANDI, E. As formas do silêncio no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1969.
- PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. IN: Gestos de leitura, Eni Orlandi. (org) Campinas: Editora da Unicamp, 1982.
- SARAMAGO, J. Cadernos de Lanzarote. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SORJ, B. Brasil@povo.com- a luta contra a desigualdade na sociedade da Informação. Jorge Zahar Editor/ Unesco, Rio de Janeiro, 2003.